

Paralisação de Balbina pode salvar rio Uatumã

“Não que eu recomende uma vez que o estrago já foi feito, mas a única forma de acabar com a poluição do rio Uatumã é parar Balbina”. A afirmação é do pesquisador Philip Fearnside, do Departamento de Ecologia do Instituto de Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), ao comentar, ontem, o desastre ecológico nas águas daquele rio a partir da barragem da Hidrelétrica até o rio Amazonas, numa extensão de 320 quilômetros. Para o pesquisador, cujo fato não é nenhuma surpresa, é muito difícil reverter a situação. Um estudo do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade do Amazonas (UA) apontam que as águas do Uatumã estão impróprias para o consumo humano porque apresentam mal cheiro, cor e sabor diferentes e elevado índice de coliformes fecais.

Fearnside justifica o seu pessimismo quanto ao futuro do rio Uatumã, explicando que a água que passa pelas turbinas vêm do fundo do lago, o local mais poluído por esta completamente sem oxigênio. O ideal, segundo ele, seria a água passar pelo vertedouro. Contudo, não geraria energia devido ao seu volume insuficiente.

Para ele, um monitoramento



Apesar de poluído o rio faz parte da vida dos ribeirinhos

do rio — como está prevendo a Eletronorte — não vai resolver o problema, “apenas irá constatar a poluição”. “Este monitoramento, juntamente com um estudo ambiental da região, deveria ser feito antes de começar a construção de Balbina. Fazê-lo, agora, não vai consertar os estragos”, afirma.

O pesquisador afirma ainda, que a experiência da Hidrelétrica de Balbina tem muito a ensinar e deve servir de exemplo — “pior exemplo” — nos futuros

projetos hidrelétricos do Brasil.

Philip Fearnside — que classifica Balbina como um “faraonismo irreversível” — observa que “infelizmente” a energia produzida, hoje, pela Hidrelétrica, que é apenas um terço da demanda de Manaus, não corresponde aos estragos que a obra causou e causará ao meio ambiente na Amazônia.

A poluição do rio Uatumã repercutiu na vida de mais de cinco mil ribeirinhos que vivem em suas margens e dependem

dele. Os peixes morreram, a pele das pessoas está encoberta de micoses e elas vivem doentes. Para Fearnside, ao invés da Eletronorte monitorar — em vão — o rio, deveria indenizar os ribeirinhos e retirá-los das margens do Uatumã.

Eltronorte — O representante da Eletronorte no Amazonas, coronel Doli Boucinha, afirma que está aguardando as recomendações do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade do Amazonas (UA) para tomar providências quanto a poluição do rio Uatumã. Ele afirma, que em agosto do ano passado eles firmaram um convênio técnico-financeiro com a UA, com a finalidade de fazer um levantamento de campo e laboratório relativo a qualidade da água e até agora a Eletronorte não recebeu nenhum relatório.

Na época, lembra Boucinha, a Eletronorte investiu aproximadamente Cr\$ 24 milhões para o desenvolvimento das pesquisas por parte da UA. Este convênio tem a duração de cinco anos e, até lá, ele espera ter revertido a situação no local. “Nós estamos dispostos a realizar o monitoramento e só estamos aguardando as recomendações da Universidade.

Arquivo

CEEDI - P.1.B.
DATA 04.05.93
Manaus/Atuom

Manaus, terça-feira, 4 de maio de 1993

III
a crítica